



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**AMÉLIA MARISTANY MAYER
(depoimento)**

2011

CEME – ESEF – UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E233

Entrevistado: Amélia Maristany Mayer

Nascimento: 19/10/1928

Local da entrevista: Residência da entrevistada, Porto Alegre – RS.

Entrevistadora: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 14/10/2011

Transcrição: Christiane Garcia Macedo

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Total de gravação: 52 minutos

Páginas Digitadas: 7 páginas

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

MAYER, Amélia Maristany. *Amélia Maristany Mayer (depoimento, 2011)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2011.

Sumário

Família; envolvimento com a dança; formação do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”; Desenvolvimento do grupo; Cena cultura de Porto Alegre em 1950.

Porto Alegre, 14 de outubro de 2011. Entrevista com Amélia Maristany Mayer, a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Nome completo?

A.M. – Amélia Maristany Mayer

C.M. – Data de nascimento?

A.M. – 19/10/1928

C.M. – Local de nascimento?

A.M. – Buenos Aires, Argentina. Mas como minha mãe era brasileira meu registro também é brasileiro.

C.M. – Fale um pouco sobre sua família.

A.M. – Meus pais eram pintores, meu pai pintava paisagens e minha mãe pintava flores. Luiz Maristany de Trias¹ e Amélia Pastro Maristany². Eu nasci seis anos depois que eles estavam casados. E nesses seis anos eles viajaram por toda a Europa fazendo exposições. O que colaborou, mais tarde, com as minhas pesquisas de trajes típicos. Meu pai era pintor, famoso, com exposições em vários países da Europa. Quando chegou em Porto Alegre, por volta de 1937, foi convidado a lecionar no Instituto de Belas Artes³. Ele lecionava anatomia artística e paisagem. Eu vivi em Buenos Aires até os 9 anos e meio de idade. E vim fazer meus 10 anos em Porto Alegre. Me formei com 16 anos em Artes Plásticas pelo Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, e passei a lecionar cursos de desenho e pintura. Casei-me aos 18 anos, com Lauro Aloysio Mayer⁴ e tive duas filhas Lorena Maristany Mayer⁵ e Licia Mayer da Rocha⁶.

C.M. – Como se envolveu com a dança?

A.M. – Meu marido Lauro, me perguntou quando nos casamos: “O que que tu fazes de esporte?”. Ele era campeão de natação, remo e fazia outros esportes. Eu disse: “Eu não sei fazer nada de esporte, só sei jogar um pouco de tênis, muito pouco”. Daí ele disse: “Mas se tu fosses fazer um esporte, qual tu gostarias de fazer?”. Respondi: “Não pelo

¹ Nascido em Barcelona, Espanha, no dia 25/07/1885.

² Nascida em Porto Alegre no dia 09/08/1895.

³ O Instituto de Belas Artes foi criado em 1908, pelo estado do Rio Grande do Sul. Em 1934 se ligou a Universidade de Porto Alegre e depois em 1962 se integrou a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Nascido em 05/07/1922.

⁵ Nascida em 20/05/1949.

⁶ Nascida em 18/03/1959.

esporte, meu pai nunca aceitou, mas eu queria aprender balé, com todas as técnicas do balé. Mas meu pai achou que como profissão era uma coisa que tinha muitos problemas de inveja. Então ele não me deixou partir para este lado”. Meu marido me disse: “Então agora, que tu não precisa fazer uma carreira a base disso e só o esporte, vai então no balé, vê a academia que tu gostas”. Eu fui, me informei e me matriculei na escola da Lya Bastian Meyer⁷, eu tinha 19 anos. As duas escolas famosas na época eram da Tony Seitz Petzhold⁸ e da Lya Bastian Meyer. Então eu fiquei na da Dona Lya, fiz o curso oficial completo, que era de três anos e tinha o particular, que era para quem queria fazer um certo tempo só. O particular era pago. Depois que eu fiz os três anos do curso oficial, fiz mais quatro do particular. Praticava sempre como um esporte. Mas apesar disso, em cada fim de ano tínhamos que apresentar no Theatro São Pedro⁹ os trabalhos da escola. Por isso eu acabei participando em quatro ou cinco anos de apresentações e acabei dançando ao público, que não era a idéia inicial. Mas valeu a pena, pois a dança tem coisas inacreditáveis. Também fiz um período no Teatro Cervantes¹⁰ pela manhã, o segundo maior da Argentina, que era mais ligado a dança, instrumentos, e de tarde no Teatro Colón¹¹, era mais relacionado à Opera e ao Lírico. E a partir daí eu comecei a estender. Também quando era guria¹², e morava em Buenos Aires, meu pai me levava todos domingos de tarde ao Teatro Colón, onde aconteciam espetáculos infantis. E eu tinha um sonho, desde os doze ou treze anos, mas que eu achava que não conseguiria realizar, mas eu consegui, que era visitar todos os países da América Latina. Tirando só os Estados Unidos pois falam inglês. Como eu fui criada em Buenos Aires, tanto falo, quanto escrevo corretamente em espanhol. Por isso eu tinha o sonho de fazer esta viagem. Fizemos eu e meu marido, todos os países da América, não faltou nenhum.

C.M. – Fale sobre a formação do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”.

A.M. – Christiane, vamos começar a falar um pouquinho de dança, sempre é bom, é gostoso. Aqui em Porto Alegre atualmente se desenvolvem e se utilizam danças de

⁷ Professora Eliane Clotilde Bastian Meyer Schimitz, mais conhecida como Lya Bastian Meyer, foi uma das personalidades mais importantes na consolidação da dança clássica em Porto Alegre, nascida em 1911.

⁸ Antonia Seitz Petzhold, mais conhecida como Tony Petzhold, foi uma das personalidades mais importantes na consolidação da dança clássica em Porto Alegre, nascida em 1914.

⁹ Teatro na cidade de Porto Alegre, fundado em 1858, administrado pelo estado. Localizado na Praça Marechal Deodoro, centro.

¹⁰ Teatro Nacional Cervantes, fundado em 1921, situado na Av. Cordoba, 1155, Buenos Aires, Argentina.

¹¹ Teatro fundado em 1908, situado na Rua Cerrito, 628, Buenos Aires, Argentina.

muitos países da América, mas isso não era assim. No ano de 1959, veio a Porto Alegre uma senhora uruguaia, folclorista, pianista, que estudava as danças folclóricas de sua própria terra, do Uruguai e da Argentina, que são praticamente as mesmas danças nos dois países. O nome dela era Marina Cortinas Lampros¹³, viúva, com duas filhas mocinhas, mas se casou novamente com Lucas Lampros. O marido dela teve uma oferta de emprego em Porto Alegre, e era mais um país que ela não havia estado, nem pesquisado nada. Então, aproveitou este tempo que estave aqui para fazer contato com as senhoras da Mesa Panamericana Feminina¹⁴, que havia em Porto Alegre naquela época. Esta mesa reunia mais ou menos duas vezes ao mês suas associadas. Pertenciam a esta mesa, mulheres de destaque na sociedade, por exemplo, escritoras, poetisas, minha mãe que era pintora, médicas, pianistas, senhora com nível cultural desenvolvidos, interessadas nesta questão. Convidaram Marina a participar desta Mesa enquanto estivesse no Brasil, pois ela era pianista. Ela trouxe o acervo de pesquisa de danças dela também e foi aprendendo o nosso. Então ela esteve em um CTG¹⁵, num baile e viu um casal que dançava muito bem, o Ery e a Cecília Assenato. Ela perguntou se eles gostariam de participar de um grupo de danças referentes a países da América. Dona Marina esteve, então, nessa Mesa Redonda, e perguntou como poderia fazer contato com pessoas relacionadas a dança. Foram citadas eu e a Nilva Pinto¹⁶. Porque nós éramos colegas de aula de balé naquela época. Então as senhoras da Mesa Redonda Panamericana, a enviaram a minha casa para me procurar, pois eu já era formada no curso oficial de dança. Ela me disse que a ideia era formar, como existia no Uruguai e também na Argentina, um grupo de dança das Américas para que a tv¹⁷ pudesse dispor dele. As tvs de lá possuíam sempre um grupo de músicos e um de dança. Toda vez que eles estivessem fazendo alguma coisa, por exemplo, falando do Egito, apareceria o grupo com uma dança do Egito. Então este grupo, com antecedência recebia o recado para fazer

¹² Menina, moça, mulher jovem.

¹³ Professora folclorista e pianista uruguaia fundadora do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”.

¹⁴ A Mesa Redonda Pan-Americana de Mulheres é um movimento que foi fundado em 1916, na cidade de Santo Antônio no Texas-EUA, inspirado nos ideais de paz, união, liberdade e justiça, de acordo com as diretrizes do Libertador da América: Simão Bolívar. (Fonte: <http://assessoriainternacional1.blogspot.com/2010/09/mesa-redonda-pan-americana-de-mulheres.html>).

¹⁵ Centro de Tradições Gaúchas.

¹⁶ Nilva Therezinha Dutra Pinto, nascida em 1934, bailarina e professora. Diretora artística do Conjunto de Folclore Internacional “Os Gaúchos”.

¹⁷ Televisão.

a coreografia. Era moda na época, as novelas ao vivo. Coisa que aqui não se conseguiu. Não houve o interesse das tvs que estavam recém começando¹⁸, de fazer mais despesas, ou coisas assim. Mas de certa forma valeu, pois em Porto Alegre ficou se conhecendo e estudando estas danças. Eu inclusive, a partir desta ideia dela, passei a desenvolver o folclore de outros países. Da Argentina e do Uruguai, não foi problema para mim, pois vim a Porto Alegre em 1937. Então eu não tinha conhecimento dos países da América Central, que ela trouxe. Dona Marina então veio a minha casa e perguntou se eu conhecia pessoas com qualificação para poder participar de um grupo, que na ideia dela seria profissional. Ela, não conseguiu realizar, pois na época Porto Alegre não estava profissionalizado ainda nesta área. Ela me pediu para indicar pessoas que pudessem participar. Eu falei para Dona Marina, que o usual em Porto Alegre é que as meninas fossem para o Balé, com 7 anos mais ou menos, para ficarem delicadas, e os meninos para o esporte, o Futebol ou outros esportes. Sugeri a ela que convidasse as minhas colegas do balé, que já eram também pessoas adultas da minha idade. Eu falei com a Nilva Pinto, ela era uma pessoa de assumir e fazer as coisas. Ela disse: “Mas você vai ter que convencer meu pai, Amélia. Como é que nós vamos fazer?”. Eu disse: “Eu vou lá e falo com ele”. Então ela me disse: “Então, tu vais bem de senhora”. Eu tinha 19 anos e fui lá falar com o Deputado Porcínio Pinto¹⁹. Disse a ele, que meu marido tinha concordado, pois íamos trazer cultura para as pessoas. Ele concordou, mas perguntou se eu ia fazer parte do grupo. Eu disse: “Sim, eu vou dançar com elas”. Ele, então concordou. Chamei também a irmã dela, Nilza Pinto²⁰. Convidamos o Antonio Augusto Fagundes²¹ e a noiva dele Marlene Nahas, que logo se tornou Marlene Fagundes. Dona Marina também foi a um Baile de CTG, e viu um casal que dançavam muito bem que eram o Ery e a Cecília Assenato, que fizeram parte do primeiro elenco. Ela também viu um baixinho loiro dançando no CTG, o Cláudio Lazzarotto²². Também chamamos o Jorge Karam, que era um homem alto, muito vistoso, que ficou como par da Nilva. Porque a Nilva tinha muita facilidade, ela era a melhor da nossa aula. A gente queria formar pares bons. Não dava para colocar uma que dança muito bem, com alguém fraco. O primeiro elenco ficou assim: o casal Ery e Cecília, era o primeiro par, um casal jovem que tinham dois ou três

¹⁸ A primeira emissora de Porto Alegre, foi a TV Piratini, filiada à Tv Tupi, fundada em 1959.

¹⁹ Porcínio Dutra Pinto, pai de Nilva Pinto e Nilza Pinto.

²⁰ Nilza Dutra Pinto, Irmã de Nilva Pinto, foi bailarina e professora de inglês.

²¹ Antônio Augusto da Silva Fagundes.

²² Claudio Antônio Guerra Lazzarotto.

filhos, depois eu, Amélia Maristany Mayer, Nilva Pinto, Nilza Pinto, Claudio Lazzaroto, que foi campeão de chula, Carlinhos Castillo, muito bom sapateador também, os dois faziam os sapateios do grupo, e Antônio Augusto Fagundes. Meu par era o Claudio Lazzaroto, que era o mais baixinho e loiro, a Nilva com o Jorge Karam, a Nilza, primeiro com o Nico e depois com o Carlos Castillo, a Marlene com o Antonio Fagundes. A Dona Marina que escolheu os pares, ela olhou mais ou menos a figura de cada um, quem combinava e formou. No início era só Conjunto de Folclore Internacional, não se tinha “Os Gaúchos”. Depois que foi colocado esta expressão, para diferenciar dos outros em festivais. Começamos os ensaios e ela queria deixar conosco as danças do país dela, que ela havia pesquisado, e também as da Argentina. O pessoal gostou, adorou. Ela ensinou “El escondido”, “El cuando”, “Chacareira”, “El bailecito”²³, e outras. São danças, a maioria de roda e de pares soltos. Ela tocava as músicas no piano e ensinava os passos. Os que vieram de CTGs também passaram algumas danças e Dona Marina via nos bailes, e também formou uma estampa de danças gaúchas. Fizemos uma apresentação na inauguração da Tv Piratini, que foi dia 20 de dezembro de 1959. Depois disso eles nos contratavam de vez em quando para fazer um programa. Mas não era fixo. Eles mandavam uma caminhonete para nos buscar. Aquilo ia até meia noite, e pela madrugada, até que entrassem os programas em determinados horários. Era bastante incomodo. Nós chegamos a ir para Montevideú com a professora Marina. Ela vez contato com a tv de Montevideú, que era mais antiga do que a nossa tv que estava começando. A deles era mais desenvolvida. Fizemos um programa inteiro com danças do Rio Grande do Sul, e depois encerramos com as danças do Uruguai e da Argentina. Foi uma homenagem para eles, nós brasileiros fazendo suas danças. Nós já estávamos dançando as daqui e as deles também. A Marina Cortinas teve que voltar ao Uruguai com o marido, um ou dois anos depois. Na nossa primeira viagem à Argentina a Marina já não estava conosco. Pouco antes dela voltar, ela pensou em acabar com o grupo e formar apenas um grupo com pessoas casadas. Pois os solteiros iam aos bailes de CTGs e queriam mostrar o que aprendiam de outros países e a Marina não gostou muito disso. Mas sua passagem aqui foi muito rica, inclusive foi ela que trouxe o interesse pelas danças da América para Porto Alegre. Pois aqui haviam alguns clubes, que desenvolviam danças alemãs ou italianas, mas da América não. E foi Dona Marina que trouxe!

C.M. – Quando a Marina estava aqui, onde o grupo ensaiava?

²³ Nomes de danças folclóricas argentinas.

A.M. – Inicialmente, Dona Marina Cortinas conseguiu no centro, atrás do Theatro São Pedro, o Salão de uma Associação. Acho que os ensaios eram terças e quintas. A gente iniciou ali. Depois passamos para outros lugares. A Assembleia Legislativa cedeu por algum tempo o teatro, um dos salões de lá.

C.M. – E como a Nilva virou diretora?

A.M. – Nós a empossamos. Quando a Marina Cortinas, depois que ficou estes anos aqui, teve que voltar para o Uruguai. Eu conversei com a Nilva. Nós já tínhamos um bom repertório, não podíamos deixar perder. Não podia acabar. E daí a minha mãe tinha uma reunião na Mesa Redonda Panamericana Feminina e perguntou se não tinha nada que a gente poderia apresentar e pensamos no Conjunto de Folclore. Eu disse: “Acho que teríamos que falar com a Nilva”. E eu telefonei para ela. Ela topou e fomos fazer uma apresentação no Theatro São Pedro. Falamos também com o pai da Nilva, o Deputado Porcínio Pinto para ver algo, no estado. Ele nos ajudou, mas nunca recebemos nada por isso. Era apenas um reconhecimento, ficou registrado como sendo um trabalho cultural no qual divulgávamos as danças de toda a América. A Assembleia nos chamou várias vezes para apresentações. Para receber políticos, aberturas de eventos, etc. Quando a Marina foi embora, nós resolvemos que o Ery ficaria como diretor, que era casado e era o mais velho. E a Nilva cuidava da dança. Mas eu as vezes visitava Dona Marina no Uruguai. Também eu e Nilva, continuamos a pesquisar as danças, comprar livros e partituras, as vezes eu visitava meus parentes na Argentina, para pesquisar. Fomos aprendendo também assistindo Festivais. Nós chegamos a incluir danças da Colômbia, Guatemala, Costa Rica, várias regiões do México. Na Argentina, ganhamos um Festival²⁴ no Luna Park²⁵. Onde o Cláudio e o Carlinhos dançaram chula²⁶ com um poncho²⁷ atravessado no palco. As pessoas foram a loucura! Deliravam! Pois eles saltavam muito alto e não encostavam no poncho. Neste mesmo festival eu acabei ficando descalça no palco pois o salto de um sapato quebrou, e eu e o Claudio fomos dançar bem no fundo perto dos músicos, mas o público percebeu e gritavam “saca el otro e vuelva!”²⁸. E o

²⁴ Certame Pan-Americano de Danças Folclóricas, ocorrido no Luna Park, em Bueno Aires, Argentina. O grupo ganhou o terceiro lugar neste festival.

²⁵ Stadium Luna Park, situado na Av. Madero, 420, Buenos Aires, Argentina.

²⁶ Dança gaúcha, feita por homens, que sapateiam geralmente por cima de uma lança. Passando de um lado ou outro sem poder tocá-la. Dança mais comumente realizada como desafio.

²⁷ Espécie de capa de pano de lã, de forma retangular, ovalada ou redonda, com uma abertura no centro, por onde se enfia a cabeça. É o agasalho tradicional do gaúcho do campo.

²⁸ Expressão em espanhol. Tradução: “Tire o outro e volte”.

Claudio disse para eu tirar o outro sapato e voltamos para o palco. Nunca me senti tão mal, mas continuávamos sorrindo.

C.M. – E o dinheiro para fazer os trajes?

A.M. – Mas cada um pagava o que ia usar, a compra dos tecidos e costureira. Os homens tinham que ter bombacha²⁹ preta, o que não era difícil pois eram de CTGs, mas quem não tinha comprava. Sempre foi cada um por si!

C.M. – Onde eram deixados os trajes?

A.M. – Ficava na casa de um, ou de outro. Meio espalhado. Só depois de muito tempo, eu já tinha até saído, que conseguiram uma sede para guardar o material.

C.M. – Como eram as relações do grupo?

A.M. – Eram muito boas. Nos dávamos muito bem. Os rapazes, o Carlinhos e o Claudio, depois noivaram, casaram, tiveram filhos. A gente continuou amigo por vários anos, o pessoal que fundou o grupo. Eles nos ensinaram muito, pois eu, a Nilva e a Nilza, nunca tínhamos ido em CTGs.

C.M. – Vocês tiveram alguma ajuda política?

A.M. – O pai da Nilva era deputado. Depois de alguns anos nós perguntamos para ele se teria como conseguir alguma facilidade para a gente poder, por exemplo, fazer uma apresentação no Teatro da Assembléia, ou no Theatro São Pedro. Ele nos sugeriu de falar com determinadas pessoas para ter a possibilidade de fazer apresentações, e locais para ensaios.

C.M. – Este apoio foi aquele documento sobre utilidade pública?

A.M. – Foi sim. Foi tudo junto. Ele intercedeu e citou pessoas que poderiam estudar o caso e nos ajudar. Mas para o grupo não facilitou muito ele ser de utilidade pública. Foi apenas um título. Pois, que eu saiba, nunca houve dinheiro, ou compra de trajes, ou pagamento de viagem.

C.M. – Além de bailarina, fez mais alguma função no grupo?

A.M. – Sim, eu era desenhista dos trajes. Porque eu procurava em livros, revistas, sobre as danças. Fazia toda a pesquisa e desenhava. Sempre recolhendo figuras, imagens. E também na viagem que fiz pela América, trouxe muito material. Em cada país eu tinha que procurar pessoas do ramo, para me informar bem. Sabe que os países da América cada um tem seu tipo de dança, mas não é muito acentuada, a gente não consegue distinguir. Com exceção da gaúcha, que tem o traje muito parecido com o argentino e

uruguaio, com alguns detalhes de diferença entre eles. Mas é a mesma bota, bombacha, e por cima da camisa, de vez em quando, um colete e o inseparável lenço. Um item muito importante do gaúcho é seu lenço, que servia muito no campo.

C.M. – O que você considera como folclórico?

A.M. – Aquilo que passou pelo processo de folclorização. Principalmente pelo anonimato, costume, uso por gerações e persistência naquele grupo.

C.M. – E na época o folclore era aceito?

A.M. – Sim. Na época já haviam muitos CTGs. Era moda que em cada clube, se criasse um setor de CTG, que tivesse danças. As pessoas então já estavam aprendendo o pezinho, o maçanico³⁰. E isso começou com o Paixão Cortes³¹ e com o Barboza Lessa³². E o balé influenciou o folclore e o folclore influenciou o balé. O Balé existe porque ele partiu do folclore. E para se fazer um trabalho hoje com o folclore é bom que se tenha pelo menos um pouquinho de barra do balé. Mas naquela época também não se viam por aqui as danças da América, se sabia algo da Alemanha, um pouco da Itália, mas da América não se conhecia muito. Com o Conjunto sempre houve muito público, de lotar a plateia. Tínhamos muito público também na Argentina e no Uruguai.

C.M. – E por que a senhora saiu?

A.M. – Eu saí para me dedicar às minhas filhas e também para cuidar dos meus pais. Eu era filha única, não tinha irmãos. Então como tinha muita viagem ficou difícil. Mas como desenhista dos trajes fico até hoje.

C.M. – Quando a senhora parou de dançar no grupo?

A.M. – Aproximadamente em 1965 ou 1966.

C.M. – Professora, muito obrigada e aqui se encerra a entrevista.

²⁹ Peça de roupa, calças típicas abotoadas no tornozelo, calça larga, usada pelos gaúchos.

³⁰ Dança gaúcha.

³¹ João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes, folclorista e advogado, nascido em 1927, na cidade de Santana do Livramento – RS.

³² Luiz Carlos Barbosa Lessa, nascido em 1929, poeta, folclorista, escritor, músico, advogado e historiador.